

VOVÔ DO ILÊ - Fundador e presidente do Ilê Aiyê

Antônio Carlos dos Santos, ou Vovô do Ilê, como é mais conhecido, foi um dos responsáveis pela criação da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê.

1. Como surgiu o Ilê Aiyê?

Nós resolvemos criar um bloco que só negros participassem, mas houve problema com a ditadura na época. Conversei com minha mãe, ela achou interessante a ideia e nós resolvemos criar. Fomos a primeira entidade a utilizar o termo afro, o Ilê Aiyê é um bloco afro, em que somente negros participam. O objetivo era ter um bloco dirigido por negros, voltado só para comunidade negra, porque a gente observava que, apesar de viver em uma terra de maioria negra, os grandes blocos e clubes carnavalescos da Bahia sempre eram compostos mais por brancos. Resolvemos então convidar muita gente e quando a notícia de que havia um bloco de negros liderados por negros se espalhou aqui em Salvador, houve um “burburinho”. Muita gente ficou com medo de sair, muitas famílias não deixaram o filho sair porque sabiam do perigo de ser taxado como comunista. Como naquela época havia notícias de que as pessoas desapareciam, havia medo de que acontecesse a mesma coisa com quem fosse se filiar ao bloco. Mesmo nesse contexto nós conseguimos ter 100 pessoas já no primeiro ano.

2. O que você entende por cultura?

A cultura é isso tudo que se manifesta do povo. Não só do povo negro, vindo do povo para mim é considerado cultura.

3. O que Ilê Aiyê representa para cultura baiana?

O Ilê Aiyê é o grande referencial da cultura baiana, principalmente numa terra como a Bahia, de maioria negra. As pessoas sempre foram muito pressionadas e as questões referentes à negritude eram muito comedidas nas suas formas de se expressar. O Ilê Aiyê chegou, deu essa alavancada e disse: Estou aqui! “Eu Sou negão”. Isso fez uma diferença muito grande na Bahia. De 1974 para os dias atuais o estado já sofreu muitas transformações e reconfigurações no que diz respeito às políticas para comunidade negra e em todas elas, o Ilê Aiyê teve participação.

4. Como você avalia as políticas culturais e o mercado para cultura na Bahia nos últimos anos?

O mercado cultural tem muita falácia. Hoje, depois do surgimento do Ilê Aiyê e depois que surgiram outros blocos, deu um pouco de trégua, pois sempre que se mostrava a cultura baiana fora da Bahia mostrava-se a capoeira e o candomblé e então mostrava a bunda da negra baiana. Com o Ilê Aiyê entraram outras vertentes na pauta. Outras manifestações tiveram coragem de se expressar, de ir para rua e falar, principalmente através da música. Mas este mercado cultural ainda é algo onde você continua sendo objeto de manobra e

www.producaoculturalba.net

manipulação. Às pessoas que vêm aqui mostram capoeira, candomblé, bloco afro e outras manifestações, mas na hora de sair e ir para fora do país, sempre vão os mesmos ou vão os brancos representando a Bahia. Até porque esse mercado ainda é dominado por branco. Por racismo ou por ignorância, na hora de mostrar a cara, tem vergonha de mostrar a cara preta da Bahia.

5. Para você qual o papel das políticas afirmativas no desenvolvimento do Ilê Aiyê?

Continuam sendo importantes, mas muitas dessas iniciativas políticas surgiram aqui, por exemplo: começar a re-contar a história do povo negro, falar da África. Todas estas foram iniciativas foram dos blocos afros e, principalmente, do Ilê Aiyê. Povo negro. Ontem eu estava aqui mostrando os quarenta temas do Ilê Aiyê, desses 18 foram relacionados a países africanos. Eles foram mostrados por nós, antes do Ilê Aiyê não se falava em África. Quando se fala, na Bahia e no Brasil, o pessoal só fala da África da miséria, da ditadura, corrupção, epidemia. A África desenvolvida, da contribuição que deu e que dá para o mundo, essa não é mostrada. Antes da Lei 10.639, os blocos afros já faziam isso, o resgate dessa estética. Eu falo muito de prática e perspectiva, quem faz e quem a explora. Quem está fazendo e quem sabe fazer. Por exemplo, a mulher negra utilizava o cabelo espichado, tinha vergonha do seu cabelo e nós começamos a incentivá-la a valorizar seu cabelo, com o concurso da “Beleza Negra”, começando na prática. A influência que a gente tinha era do movimento negro afro-americano e seu *black power*, mas hoje a maioria dos salões, ou melhor, da indústria da estética voltada para o negro está na mão dos homens brancos. A gente consome e pratica, mas a exploração está na mão da minoria branca que domina a Bahia.

6. Quais os principais projetos desenvolvidos hoje pela entidade? E como é feita a captação de recursos?

Nós temos vários projetos. Temos um projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê que contempla a escola Mãe Hilda, escola de educação formal. Respeita-se o currículo formal, mas temos também o currículo paralelo, baseado no dia-a-dia, no sistema carnavalesco, utilizando os cadernos de educação e o material produzido por nós. Temos uma escola complementar, a Band’Erê, que funciona no turno oposto da escola formal. O aluno participa se quiser. Nesse projeto recebemos diversos alunos, não apenas negros da comunidade. O social é diferente do bloco, o Bloco é voltado para negros, no social recebemos “louros, brancos, cearenses...” Tanto a escola Mãe Hilda quanto a Band’Erê são para alunos de 6 a 14 anos e temos os cursos profissionalizantes: informática, estética, cozinha, eletricidade predial, confecção de calçados. Temos vários cursos, mas não ao mesmo tempo. Temos um infocentro que atende a comunidade, estamos prestes a inaugurar um estúdio de gravação primeira, que não perde para nenhum estúdio de Salvador. Temos uma sala de dança profissional, biblioteca, etc. O problema é a manutenção disso. Não temos hoje parceira com governo e prefeitura, que já tivemos. Filantropia é muito bonito, mas é caro. O que funciona é isso aqui, uma associação, mas funciona como uma empresa onde há espaço para casa de espetáculo. O salão nós www.producaoculturalba.net

alugamos, mas a maioria das pessoas quer que o espaço seja cedido de graça para comunidade, mas existe um consumo de energia altíssimo, água, funcionário, material de higiene e merenda. Esse é o motivo para termos a parceira com a Petrobras para área comercial e Carnaval, além de recursos próprios. Então todo o cachê que banda Ilê Aiyê recebe 40% é para pagar a produção do evento e o cachê dos músicos, o restante é voltado para a manutenção dos projetos sociais da entidade. Muita gente reclama, mas nisso eu sou irredutível. Fantasia de bloco não é para dar, é para vender. Faz carnaval quem pode e não tem esse negócio do sujeito ser negro ou branco. Os eventos que acontecem aqui têm que pagar, não tem essa concessão, já os projetos sociais são gratuitos.

7. A venda de Abadá é uma das estratégias para manter a entidade durante o ano?

Não, a fantasia é para colocar o bloco na rua. Pois não se consegue vender 100% da fantasia. A venda é feita aqui na sede, por conta do público específico, temos parceiros, mesmo assim, é preciso buscar parceria e patrocínio. Temos dificuldades porque é um bloco grande e caro, tem que ter estrutura, trio bom, segurança, cordeiros, todas as taxas da prefeitura e que o governo cobra. Tem que pagar todo mundo e quanto maior o bloco, mais caro. Ainda há o custo da banda, cantores. Para além disso existem muitos outros produtos que não se resumem ao bloco de carnaval. Então temos que buscar patrocínio. O Ilê Aiyê é um bloco que tem visibilidade. Neste último carnaval, por exemplo, fomos o segundo bloco em visibilidade na mídia, mas nem com isso se consegue ter o mesmo patrocínio que têm os artistas de Axé. Eles têm os bancos e a Petrobrás, por exemplo, embora essas empresas não invistam muito em trio. O que ocorre, é que existe uma diferença gritante entre o que eles pagam para os blocos afros e o que eles pagam para o bloco de Axé.

8. O que representa o Carnaval Ouro negro [iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – Secult/BA que apóia o desfile de entidades carnavalescas de matriz africana, indígena, afoxés, além de blocos de samba] para o Ilê Aiyê?

O Carnaval Ouro negro é uma ajuda muito interessante, mas não é suficiente. O Ouro Negro precisa mudar os critérios, para ver quais os blocos que saem e os que não saem e eliminá-los. Se gasta dinheiro com muita gente que não quer crescer e só quer ficar de “oba-oba”.

9. Qual sua avaliação do turismo étnico em Salvador?

Acho que precisa ser repensado e colocar mais gente que entenda do assunto e que funcione. Tem que ver o pessoal do governo. Não adianta falar que existe turismo e não se vê nada de turismo étnico. Todo mundo sabe que o Ilê Aiyê é uma referência do movimento negro local, nacional e também internacional. Houve a copa das confederações em Salvador e não aconteceu nada aqui. O governo investe em telões em outros bairros e aqui no bairro de negros poderia ter trazido turistas negros. A própria comunidade não consegue fazer intercâmbio através do governo. Quer dizer, faz através do próprio Ilê Aiyê. Chega o momento

da Copa, mas aqui na Liberdade não aconteceu nada. Nós temos o espaço adequado, dá montar telão, trazer artistas.

10. O Ilê Aiyê foi convidado para participar da programação do “Cultura em Campo”, projeto da Secretaria de Cultura da Bahia promovido para dar visibilidade à diversidade cultural baiana durante o período da Copa das Confederações no Brasil?

Participamos de muitas reuniões, mas no final não deu em nada.

11. O Ilê Aiyê promove ensaios no verão e alguns durante o ano, quais são os resultados dessa ação?

Alguns ensaios têm dado resultados. O objetivo desses ensaios é trazer um bom espetáculo, ter uma bilheteria que ajude, além de divulgar o trabalho da entidade. Trazer entretenimento para a Liberdade e que traga recurso financeiro para entidade como um todo.

12. E quanto às ações de intercâmbio cultural?

A minha ideia é que tivesse uma parceira com a Secretária de Cultura. Por exemplo, nós conhecemos a Europa, mas não conhecemos o recôncavo baiano e nem o povo conhece as maravilhas que têm o recôncavo. Depois que terminaram com a “Caminhada Axé” [evento criado pela Fundação Cultural do Estado da Bahia que reunia grupos e artistas de Salvador e do interior da Bahia num grande desfile], que dava oportunidade de conhecer aqueles grupos, por que não fazer intercâmbio com oficinas, workshops, levar grupos para lá e trazê-los para Liberdade e Salvador, para as pessoas terem oportunidade de conhecê-las? Já conhecemos manifestações de Pernambuco, Sergipe, Maranhão. A gente quer trazer também manifestações daqui, do próprio estado, porque este lugar não foi criado só para ser espaço do Ilê Aiyê, aqui é uma casa de música, de espetáculo. É um espaço voltado principalmente para a música negra da Bahia e tem sido pouco explorado.

13. O que e/ou quem (projetos/espacos/instituições) você destacaria em termos de gestão cultural na Bahia e por quê?

Tem o projeto do Olodum, funciona. O Araketu tem um projeto muito legal no subúrbio, tem o Cortejo Afro que está desenvolvendo um projeto em Pirajá, o Male de Balê que tem a escola aonde realiza as suas atividades. Existem entidades menores na periferia que desenvolvem um trabalho e não são reconhecidas.

14. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Qualificação e valorização da mão-de-obra. Tem que ter cuidado, porque hoje todo mundo é produtor, é artista. O cara faz um aniversário aqui na rua e no outro dia está cheio de cartão distribuindo dizendo que é produtor. E isso não acontece só na periferia, tem muito garotão filho de papai, que se arvora produtor. A mesma coisa de jogador de futebol, que todo mundo www.producaoculturalba.net

se coloca como empresário, o cara mal está tocando, daqui a pouco a banda já tem produtor e empresário, pessoas que não entendem nada e não sabem fazer nada, não tem nenhum currículo e se arvoram produtores. Então tem que ter realmente o investimento na profissionalização da função de produtor. Existem pessoas importantes no evento, que não é só o artista, tem o roadie, o cara que cuida do palco e do som, tem muita gente por trás. Como a gente diz aqui: “esse povo que você não vê que faz o Ilê Aiyê que você vê”. Eu apareço, Vovô, mas tem um monte de gente até chegar ao produto final. Tem que ter a coordenação, mas essas pessoas têm que ser valorizadas. No Ilê Aiyê, por exemplo, a maioria das pessoas é formada aqui. Pessoal que trabalha na produção, os músicos, os meninos chegam aqui com seis, sete anos, 90% da banda Ilê aiyê é formada pelos meninos que chegam com essa idade. Desde regente, cantores, hoje temos dois cantores formados aqui. Esse tipo de investimento nós fazemos.

15. O Ilê Aiyê tem algum tipo de parceira com Universidade para qualificar os seus profissionais?

Não, tivemos uma parceria com UNEB (Universidade Estadual da Bahia), mas não nesse nível. Nós temos parceria para um curso de inglês de dois anos, para a Copa, essa parceria é com o consulado geral dos EUA e com o ACBEU (Associação Cultural Brasil - Estados Unidos).

16. Como você avalia os espaços culturais (ou para a cultura) na Bahia? Quais as principais carências?

Precisam ser mais utilizados. Por exemplo, agora tivemos esse evento para Copa das Confederações com Gilberto Gil e com os blocos afros, isso precisa acontecer com mais frequência. Existe uma resistência muito grande em colocar tambor. Embora utilizem a guitarra, que faz um som muito alto, e todo mundo acha normal, há um preconceito com uma banda percussiva, acham que vai derrubar tudo. Com essa nova gestão conseguimos com o secretário Albino Rubim fazer um grande espetáculo com vários artistas de blocos afros e várias bandas, um espetáculo muito bonito. Precisa ter mais, a gente precisa conseguir colocar um show na Concha Acústica do Teatro Castro Alves. Fazer shows também na Sala Principal do TCA e não só na Concha. Aquele modelo do espaço da Barroquinha eu vi na Alemanha, as igrejas que foram afetadas com a guerra e que foram recuperadas, como é o caso do Espaço Cultural da Barroquinha, viraram espaços culturais que funcionam. Muitos dos artistas daqui e principalmente os de Axé vão para Europa tocar nesses espaços, com essa capacidade entre quatrocentas e seiscentas pessoas, mas os artistas famosos e os do Axé chegam dizendo que se apresentaram para não sei quantas mil pessoas. Aqui na Bahia tem que investir mais. Por exemplo, tem que levar mais gente de fora para o Centro Cultural de Plataforma, para poder ter essa troca, o pessoal de lá ter oportunidade de conhecer outros trabalhos. O que falta é atitude dos governantes, de quem está na frente da gestão. Eles precisam ter uma visão ampla, não achar que negro é sempre vilão, que é muito de dinheiro e que não vale a pena, e que só funciona se for artista branco, aí fica nessa coisa de sempre.

www.producaoculturalba.net

17. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E em relação ao valor dos ingressos em Salvador?

Eu acho que tem que ter, mas tem que ser mais fiscalizada, porque aqui na Bahia todo mundo é estudante. Se não colocar nos eventos que promovemos, é uma dificuldade muito grande porque você é multado, vem prefeitura e vários órgãos querendo multar. Tem que ver como é essa distribuição de meia entrada, que está tirando muitos espetáculo daqui da Bahia por conta disso. O lugar que tem mais estudante é aqui na Bahia. Um bocado de gente sem estudar, mas na hora que chega a festa todo mundo é estudante. Em relação a essa questão da gratuidade eu não concordo com esse ponto de vista. A gente faz muita coisa gratuita, mas tem que ter investimento para fazer, senão como é que fica o artista?

***Entrevista realizada por Alexandre Alves, Adrielle Magly e Laurence Oliveira, no dia 28 de junho de 2013, na sede do Ilê Ayê, Senzala do Barro Preto, em Salvador.**